



ISSN: 2310-0036

Vol. 13 | Nº. 1 | Ano 2022

A religião, as guerras e a fraternidade vistas através das lentes do Papa Francisco

Religion, wars and fraternity seen through the lens of Pope Francis Tourists

João Abílio Lázaro

Universidade Aberta ISCED

Anna Fontana

Universidade Católica de Moçambique

RESUMO

Várias situações de crises políticas e conflitos que acontecem num mundo dilacerado mostram ter como causa central, elementos religiosos. O presente artigo questiona se a religião é, realmente, irrelevante para a nossa sociedade ou se ela tem um potencial de despertar consciências para valores humanos e espirituais que possam tecer um percurso de integração e ir ao encontro do anseio mundial de fraternidade. Segundo o seu objectivo, o presente estudo pretende ser explorativo, com enfoque qualitativo, centrando-se na análise documental e de conteúdo. Para o efeito, a discussão inicia-se com a apresentação das principais razões que têm levado a sociedade a distanciar-se da religião. Depois, passa-se a analisar o papel da mesma, no pensamento do Papa Francisco. No fim, partindo da situação sociopolítica e militar em Moçambique, discute-se sobre a relevância do pensamento do Pontífice em prol de um verdadeiro caminho da paz e da fraternidade para o país. Conclui-se que a religião tem um papel preponderante na construção da fraternidade e na promoção da paz.

Palavras-chave: Religião, Guerra, Fraternidade, Papa Francisco.

Abstract

Several situations of political crises and conflicts that take place in a torn world show that they often have religious elements as their central cause. This article questions whether religion is really irrelevant to our society or if it has the potential to awaken people's consciousness to human and spiritual values, which can weave a path of integration and meet the world's longing for fraternity. According to its objective, this study aims to be exploratory, with a qualitative focus. Document analysis will be the social research method. To this purpose, the discussion begins with the presentation of the main reasons that have led society to distance itself from religion. Then, it analyses the role of it in the thought of Pope Francis. Finally, starting from the socio-political and military situation in Mozambique, the paper clarifies the relevance of the Pontiff's thinking in favour of a true path of peace and fraternity for the country. It is concluded that religion has a preponderant role in the construction of fraternity and in the promotion of peace.

Keywords: Religion, War, Fraternity, Pope Francis.



Rua: Comandante Gaivão n° 688

C.P.: 821

Website: <http://www.ucm.ac.mz/cms/>

Revista: <http://www.reid.ucm.ac.mz>

Email: reid@ucm.ac.mz

Tel.: (+258) 23 324 809

Fax: (+258) 23 324 858

Beira, Moçambique

Introdução

Um dos maiores desafios que as sociedades enfrentam está associado ao facto de a religião ser um elemento que, mais do que unir povos, nações e pessoas, várias vezes, através dela, têm surgido guerras e contendas entre os mesmos povos. É verdade que a religião constitui um conjunto de práticas e princípios que um grupo de pessoas vive, tendo ela um valor espiritual e moral sagrado. Contudo, nem todos os povos partilham dos mesmos valores religiosos. Alguns desses valores contribuem para que eles entrem em contradições e guerras. É por isso que, na lógica de Emile Durkheim (1996) e Max Weber (1949), entre outros, apesar de a religião ajudar as pessoas a orientarem as suas vidas para a vivência de valores morais e religiosos, por várias razões, a mesma é rejeitada como sendo irrelevante e desnecessária. Até nos currículos académicos, é difícil encontrarmos estudos relacionados com a religião. Assim, partindo de várias situações de crises políticas no mundo e, tendo como ponto de referência o pensamento do Papa Francisco, o presente artigo questiona se a religião é, realmente, irrelevante para a nossa sociedade. Para o efeito, a discussão inicia-se com a apresentação das principais razões que têm levado a sociedade a distanciar-se da religião. Depois, passa-se a analisar as ideias que fundamentam o papel da mesma, no pensamento do Papa Francisco. No fim, partindo da situação sócio-política e militar que actualmente se vive em Moçambique, discute-se sobre a relevância do pensamento do Prelado para Moçambique. Concluiu-se desse estudo que a religião tem um papel preponderante na construção de uma sociedade fraterna e na oferta de caminhos para a construção da paz, assentada na fraternidade humana.

Metodologia

Tendo como referência o seu objectivo, o presente estudo pretende ser exploratório, proporcionando maior familiaridade com o seu objecto de estudo, mormente a religião, as guerras e a fraternidade, vistas através das 'lentes' do Papa Francisco. O estudo é de natureza qualitativa. O paradigma qualitativo assume que a realidade é uma construção social. Do ponto de vista dos métodos, pode-se constatar que a análise documental é privilegiada. Por isso, as técnicas mais usadas no referido estudo foram a pesquisa documental e a análise de conteúdo do Magistério do Papa Francisco, os elementos que fundamentam o papel da religião no que concerne à construção da fraternidade humana e a rejeição de qualquer prática de violência e actos de guerra, a nível mundial e nacional.

A marginalização da religião na sociedade

Discutir sobre religião exige, em primeiro lugar, reconhecer que esta área de conhecimento e experiência humana tem sido marginalizada tanto no âmbito académico como político e na sociedade em geral, devido ao poder da secularização (Anderson, 2008; Fox, 2013; Rozario, 2014). Segundo argumenta Bruce (2011), o declínio do poder da religião é característico do crescente poder da secularização, agilizado pela modernização e sustentado pelo avanço da tecnologia. Assim, conclui-se que quanto mais o mundo se torna industrializado e científico, mais facilmente as sociedades contemporâneas se distanciam da possibilidade de a sua vida e

o mundo serem entendidos e explicados à luz da fé e de realidades sobrenaturais, facto que reduz o poder e a influência da religião sobre a vida humana (Fox, 2013).

Na mesma lógica, no âmbito político, a religião ocupa um lugar marginal, na sociedade, a partir do Tratado de Westfália, realizado em 1648, na Alemanha (Fox & Sandler, 2006; Anderson, 2008). O referido tratado deu lugar ao sistema de Estados modernos, reforçados pela lógica da soberania e da não-intervenção entre eles (Anderson, 2008). Conforme reza o artigo XXVIII do mesmo tratado, a religião torna-se um problema doméstico de cada Estado, deixando de constituir um assunto de discussão nos encontros diplomáticos. (Anderson, 2008; Jackson & Sørensen, 2012). Assim, a religião ocupou um espaço irrelevante, particularmente na política, contribuindo para a sua marginalização, na sociedade.

O terceiro elemento que justifica a marginalização está ligado ao mundo académico, associado às exigências impostas às universidades diante das forças da globalização. Partindo da experiência das potências económicas de expressão inglesa, que foram pioneiras desta nova ordem internacional, houve uma forte pressão exercida sobre as universidades para a implementação de programas académicos ligados com as ciências exactas, engenharias e outros ramos de conhecimento a elas associados para puderem atender às exigências impostas pelo desenvolvimento económico (McCowan, 2019). Estas visões foram, depois, seguidas por outros países no mundo inteiro, fazendo com que, a partir desse tempo, a ligação entre a universidade e a sociedade passasse a ser justificada por razões económicas. Assim, os outros ramos de conhecimento, particularmente os ligados com as ciências sociais e humanas, a exemplo da religião, passaram a ocupar lugar secundário e marginal no mundo académico (McCowan, 2019). Isso fez com que os cursos ligados às ciências sociais e humanas, de que a religião faz parte, deixassem de merecer a devida atenção no contexto universitário.

Terá a religião alguma relevância na sociedade?

Diante dos elementos acima apresentadas, nos dias que correm, com a existência de conflitos tanto religiosamente motivados como os que são resolvidos por intermédio de líderes religiosos, há que se questionar se a religião é realmente um assunto que devia ser marginalizado, na sociedade. No pensamento do sociólogo francês Durkheim (1996), a religião é importante por contribuir para a celebração de valores transcendentais da vida humana e por reforçar a coesão social, sustentada em valores morais, baseados em e reforçados por normas e princípios religiosos. A religião desempenha um papel fundamental não só na coesão social, mas também por ajudar as pessoas a encontrar o significado moral e ontológico das suas vidas e existência em meio aos grandes desafios impostos pela natureza e pela sociedade.

Na verdade, quando as pessoas entram em contacto umas com as outras, surge uma tendência universalista e unificadora que as ajuda a focarem nos elementos que elas têm em comum. Não é por acaso que o filósofo alemão Habermas (2008) considera a religião como sendo a fonte da moralidade, na interacção entre seres humanos, na vida pública. Eis a razão de, no contexto secular contemporâneo, perceber que a mesma continua sendo relevante para a vivência humana, por servir como sustentáculo da moralidade.

No Documento sobre a Fraternidade Humana em prol da Paz Mundial e da Convivência Comum, assinado pelo Papa Francisco e pelo representante máximo do islão sunita, Ahmad Al-

Tayyeb (Francisco & Al-Tayyeb, 2019), no dia 4 de Fevereiro de 2019, defende-se que, para a sociedade contemporânea, o papel da religião não se deve limitar, somente, a aspectos espirituais. Esta deve, igualmente, responder a vários problemas económicos, sociais, políticos, ambientais, entre outros, procurando ajudar o mundo a ser um lugar cada vez melhor para a vivência e convivência humana.

Os dois líderes religiosos vão mais longe ao afirmar que a religião deve, igualmente, promover “o diálogo, a compreensão, a difusão da cultura da tolerância, da aceitação do outro e a convivência entre os seres humanos”, contribuindo para a resolução de muitos problemas que angustiam o género humano. Isso evidencia a posição defendida por Habermas (2008) sobre a interdependência entre a religião e a secularização.

Diante destas situações, entretanto, o maior desafio que se impõe à religião e à comunidade política, no seu todo, é que em muitas sociedades e países do mundo, esta tem sido usada como um meio para justificar actos terroristas, violência e guerras. Por exemplo, a coesão social entre membros de um grupo terrorista, baseada em princípios radicalistas e religiosos, pode ser maior do que a coesão de uma sociedade orientada por valores democráticos. Isso pode provocar desestabilização social e política devido aos conflitos que daí possam emergir. Eis a razão de a religião ter que constituir uma preocupação para todos, ao contrário do lugar que o secularismo, a política e a educação atribuíram a ela. Para o efeito, partindo do problema aqui apresentado e tendo como ponto de partida o papel diplomático-religioso do Papa Francisco, busca-se recuperar a relevância sócio-política e diplomática da religião e trazê-la para o centro da discussão como sendo um elemento fundamental na política internacional e na vivência social. No encontro internacional realizado em prol da paz, em Assis, o Papa Francisco (2020) mostra, mais uma vez, o seu papel diplomático-religioso. No seu discurso, enfatiza que “as religiões não querem a guerra; pelo contrário, desmentem quem sacraliza a violência, pedem a todos que rezem pela reconciliação e atuem para que a fraternidade abra novas sendas de esperança”.

Segundo afirma Johnson (2014) no artigo intitulado *Religion and Conflict Resolution*, o desafio que a diplomacia contemporânea enfrenta, nesse sentido, está ligado às restrições internacionais impostas aos políticos para não interferirem nos assuntos dos outros Estados. Este vazio e as constantes mudanças da natureza de conflitos abriram espaço para que figuras religiosas e pessoas leigas, movidas por interesses puramente espirituais e humanos, realizassem várias formas de mediação tanto no nível nacional como internacional, na resolução de conflitos políticos, sociais e económicos à volta do mundo. Na maior parte das vezes, elas encontram-se melhor preparadas para dialogar com entidades individuais e colectivas, particularmente em situações onde as desigualdades sócio-políticas e económicas e a insegurança militar são a característica do dia-a-dia. Estas figuras, igualmente, encontram-se melhor preparadas para lidar com questões morais e espirituais complexas em situações que podem, até, ir além dos seus âmbitos e domínios religiosos. É aqui onde Papa Francisco e outras figuras religiosas servem como exemplos emblemáticos de tais abordagens. Eis a razão de, nos parágrafos que se seguem, ter que se perceber com mais profundidade a percepção que o Papa Francisco tem sobre a religião.

O papel da religião no pensamento do Papa Francisco

Num estudo realizado pelo *Center for Strategic and International Studies* (CSIS, 2019) foram examinadas diversas maneiras de resolução de conflitos, sendo uma delas a adoptada em Moçambique, para a assinatura do Acordo Geral de Paz, em 1992. A religião foi valorizada como um instrumento fundamental na construção de confiança para a resolução de tais conflitos. O referido estudo concluiu que, diferente de outras entidades que têm sido convidadas para a mediação e resolução de conflitos, os líderes religiosos são os que mais persistem na busca de tais objectivos, mesmo que isso aconteça em meio a tantos desafios e dificuldades.

Um exemplo concreto disso é relatado por Dom Jaime Pedro Gonçalves (Gonçalves, 2014), na altura Arcebispo da Beira e mediador da Igreja Católica moçambicana e do Vaticano, no acordo de Paz, quando ele descreve os desafios enfrentados tanto por si como pela Conferência Episcopal e por outras designações religiosas nas tentativas feitas para convencer as duas partes a assinarem o referido acordo. O mesmo Arcebispo tornou-se uma figura emblemática ao convencer o Líder da Resistência Nacional Moçambicana (RENAMO), Afonso Dlakama, nas matas de Gorongosa, numa altura em que, também havia outras entidades procurando convencer as autoridades governamentais a assinarem o Acordo e pôr fim a 16 anos de guerra civil.

Da análise que Contreras (2013) faz sobre a estratégia usada pelo Vaticano em relação à defesa de causas sócio-políticas e económicas, percebe-se que este organismo usa o seu activismo transnacional para divulgar a sua mensagem e persuadir muitos líderes governamentais e instituições internacionais na promoção do bem comum e da dignidade humana. Eis a razão do autor perceber que, através da sua visão pacificadora e da Doutrina Social da Igreja, a diplomacia do Vaticano terá sempre influência na atmosfera política internacional.

Na senda do magistério dos seus predecessores, Papa Francisco (2015), na Encíclica *Laudato Si'* (LS) clama por um diálogo internacional para resolver os problemas sócio-políticos, económicos e ambientais. Esses problemas, que são as principais fontes geradoras de violência no mundo, exigem soluções que “requerem uma abordagem integral para combater a pobreza, devolver a dignidade aos excluídos e, simultaneamente, cuidar da natureza” (LS, nº 139).

Embora reconhecendo os desafios impostos para a busca de soluções para os mesmos problemas, o Papa é apologista de alternativas mais integradas e colectivas do que da busca de soluções individuais e fragmentadas. Por essa razão, ele propõe a criação de políticas públicas capazes de ajudar a sociedade a encontrar soluções benéficas para todos, principalmente para os mais desprivilegiados, a longo prazo. Este posicionamento encontra o seu enquadramento na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (EG) onde, no nível da relação inter-humana, Papa Francisco (Francisco, 2013) apresenta as bases sobre as quais se deve assentar o edifício da paz, procurando criar soluções para os problemas que afectam a humanidade a nível internacional.

Assim, para que a sociedade goze de paz, justiça e fraternidade duradouras, o Santo Padre acredita na adopção de “um verdadeiro caminho para a paz dentro de cada nação e no mundo

inteiro” (EG, nº 221). Ele exorta a sociedade, particularmente os líderes políticos, a se preocuparem para a conquista de resultados a longo prazo e não imediatos, na busca da paz, e a procurarem trabalhar de forma gradual e conjunta na busca de soluções mais integradas.

Em segundo lugar, o Papa incentiva a sociedade a enfrentar os conflitos com frontalidade, de modo a se criar comunicação inter-humana mesmo em meio a desentendimentos. Eis a razão de ele acreditar que “Os ensinamentos da Igreja [...] estão sujeitos a maiores ou novos desenvolvimentos e podem ser objecto de discussão, mas não podemos evitar de ser concretos [...] para que os grandes princípios sociais não [se tornem] meras generalidades que não interpelam ninguém” (EG, nº 182). Não é por acaso que, depois de ter beijado os pés dos líderes políticos do Sudão do Sul, no dia 11 de Abril de 2019, no Vaticano, o Papa (Francisco, 2019) exortou-os a procurar juntos a unidade: “Haverá muitos problemas, mas não tenham medo, [...] resolvam os problemas. Vocês iniciaram um processo: que termine bem. Haverá lutas entre vocês [...]. Que elas ocorram dentro do escritório; diante do povo, as mãos unidas. Assim, de simples cidadãos, vocês se tornarão Pais da Nação”.

Ao seguir por esse caminho, sem ignorar os desafios que as pessoas vão enfrentando na sociedade, o Papa acredita que a resolução de conflitos visa salvaguardar os elementos mais importantes e identitários da dignidade de ambas as partes, como membros que partilham um espaço comum, isto é, *a nossa casa comum*. É nesse sentido que ele encoraja os líderes mundiais a preverem possíveis situações de conflitos, em seus países, e procurarem resolvê-los antes de os mesmos se tornarem problemas que poderão complicar a vida dos seus cidadãos e dificultar a sua resolução (Rainkie, 2017).

Por fim, na Encíclica *Fratelli Tutti* (FT), o Papa (Francisco, 2020) mostra-se preocupado pelo facto de as pessoas estarem a viver num mundo ensombrado por situações associadas às guerras, à fome, à nudez, à desnutrição, entre outras situações que violam a dignidade da pessoa humana e que podem ser causadoras de conflitos. Diante disso, ele enfatiza a vivência dos valores do Evangelho e convida a cada um a assumir o papel do Bom Samaritano que salvou um homem desconhecido que estava ensanguentado e violentado, depois ter sido arrancado os seus pertences, como o Evangelista Lucas relata (Lc 10, 25-37).

É aqui onde os valores morais que as pessoas têm acabam definindo a própria atitude diante das situações que elas enfrentam no dia-a-dia. É aqui, também, onde, as pessoas, inspiradas no amor universal de Deus, são chamadas à fraternidade, num espírito de abertura até abraçar as pessoas que vivem nas “periferias existenciais”. Finalmente, é aqui onde os muros levantados em favor de interesses particulares, serão substituídos pela abertura de pontes. Já não existem os termos ‘outros’ ou ‘eles’, mas sim, a constituição de um ‘Nós’ que habita o mesmo planeta.

Papa Francisco defende a necessidade de abrir as portas dos corações, procurando realizar aquilo que, em termos morais, seria a coisa certa a fazer, por perceber que somos todos irmãos e irmãs, membros de uma fraternidade universal, chamados à solidariedade e à gratuidade. Além disso, ele convida a cada um a desenvolver um espírito mais humanístico que se preocupa com a criação de um sistema político que promova a dignidade da pessoa humana, e “garanta terra, teto e trabalho para todos. Este é o verdadeiro caminho da paz” (FT, nº 127).

Para Francisco, esse tipo de políticas tem que ser desenhado tendo em vista a necessidade de as pessoas puderem ter espaço de dialogar com abertura e sinceridade, procurando promover uma cultura de encontro, generosidade e respeito para o bem-estar do outro. O mesmo diálogo convida as pessoas a irem ao encontro dos que, ao longo da caminhada e dos conflitos, ficaram lesados e prejudicados por situações que não foram bem resolvidas, para que se pudesse curar as suas feridas, buscando o perdão e a reconciliação. Esses elementos são fundamentais para a busca da paz.

Contudo, contando que é inevitável que haja conflitos entre seres humanos, surge a necessidade de se criar condições para que as guerras sejam evitadas e rejeitadas. É por essa razão que, no fim do seu raciocínio, Papa Francisco convida todas as religiões a criarem e reforçarem os laços dessa fraternidade e amizade social de modo a se evitar que haja mais guerras entre irmãos. Ele aponta, assim, à fraternidade como fundamento e caminho para a paz, que foi o tema da sua primeira Mensagem para o Dia Mundial da Paz (Francisco, 2013a). Isto é profético também para Moçambique, principalmente tendo em consideração o argumento que será desenvolvido no parágrafo que se segue.

Que relevância tem o pensamento de Papa Francisco para Moçambique?

Desde que Moçambique conquistou a sua independência, em 1975, o país ainda não experimentou um período de acalmia político-militar, devido aos confrontos militares entre a Renamo e as forças governamentais. Além disto, o país vive debaixo de ataques militares promovidos por insurgentes com motivações económico-religiosas, no norte de Moçambique. Diante desses problemas, aquando da sua visita apostólica a Moçambique em Setembro de 2019, o Papa Francisco (Francisco, 2019a), na homilia proferida no Estádio do Zimpeto, exortou o povo moçambicano à paz e à reconciliação visto que “as armas e a repressão violenta [...] criam novos e piores conflitos” e “a equidade da violência é sempre uma espiral sem saída e o seu custo é muito alto”. Desse modo, mesmo consciente das dificuldades associadas a uma verdadeira reconciliação e, consciente de que isso não significa esquecer tudo que aconteceu, o Santo Padre, no seu discurso às autoridades moçambicanas (Francisco, 2019b), convida os moçambicanos a serem artesãos de paz, que continuam a dizer “não à violência que destrói, e sim à paz e à reconciliação”. Assim, os moçambicanos tornar-se-iam “construtores da obra mais bela a ser realizada: um futuro de paz e reconciliação como garantias do direito ao futuro dos vossos filhos”.

Portanto, longe de a violência e de os conflitos armados serem uma opção para a resolução de problemas no país, Papa Francisco (Francisco, 2019a) entende que “Há outro caminho possível, porque é crucial não esquecer que os nossos povos têm direito à paz”. Esse caminho passa por “Amar-nos” uns aos outros e “Superar os tempos de divisão” que “implica também o compromisso diário de cada um de nós ter um olhar atento e ativo que nos leva a tratar os outros com misericórdia e bondade, sobretudo, com aqueles que, pela sua condição, rapidamente acabam rejeitados e excluídos”. Para isso, é necessário que sejam criadas as condições necessárias para a existência de uma paz duradoura, visto que esta passa, primeiro, pelo perdão e reconciliação e pela criação das condições promotoras de uma paz positiva que não se limita ao calar das armas, mas também na promoção da dignidade humana e no desenvolvimento sustentável e inclusivo, “onde cada moçambicano possa sentir que este país

é seu” (Francisco, 2019b). De facto, “Sem igualdade de oportunidades, as várias formas de agressão e de guerra encontrarão um terreno fértil que, mais cedo ou mais tarde, há de provocar a explosão” (Francisco, 2019b). Portanto, é necessário esforçar-se para oferecer educação às crianças, teto às famílias, trabalho às pessoas, e terra aos camponeses.

Conclusão

Da discussão aqui desenvolvida, percebe-se que a religião equipara-se à alimentação diária ou à medicação na doença: todas elas, quando consumidas na medida certa, podem ajudar a cada pessoa a manter-se sempre saudável e curar-se das enfermidades. Contudo, devido à instrumentalização que a religião tem sofrido ao longo da história da humanidade, esta acabou sendo vista negativamente por parte de alguns países, povos e civilizações à volta do mundo. Por essa razão, com fundamento no pensamento do Papa Francisco, ilustrado tanto a partir dos seus escritos e corroborado com as acções diplomáticas concretas por si realizadas, assim como da contextualização do debate aqui desenvolvido para o contexto moçambicano, esta reflexão resgatou o valor da religião da distorção que esta sofreu e tem sofrido na sociedade. Tal resgate foi feito procurando recuperar o seu verdadeiro valor e significado, dentro de uma sociedade sedenta de fraternidade e de relações assentes nos valores de respeito, valorização e inclusão, que permitem tecer uma cultura de paz e uma vida sustentável. É por isso que não se pode confinar a religião somente a aspectos espirituais. Foi demonstrado que ela tem um papel relevante na construção de uma sociedade mais fraterna e na promoção da paz que não é simplesmente ausência de guerra, mas busca incansável da salvaguarda da dignidade humana e dos direitos fundamentais. Os líderes religiosos e a sociedade em geral devem estender o seu olhar para outros aspectos, nomeadamente os económicos, sociais, políticos, ambientais, entre outros, procurando encontrar, juntos, soluções mais duradouras, através de acções de sensibilização, actividades comunitárias e de cooperação nas diversas vertentes, por forma a transformar o mundo num espaço de convivência saudável para todos, por ser a ‘nossa casa comum’.

Referências Bibliográficas

- Anderson, J. (2008). Religion and International Relation. Em M. Imber & T. Salmon. *Issues in International Relations*. Oxon, Inglaterra: Routledge, pp. 77-94.
- Bruce, S. (2011). *Secularization: In Defense of an Unfashionable Theory*. Oxford, Inglaterra: University Press. Volume 93. Issue 1, September 2014.
- Center for Strategic and International Studies (CSIS). (2019). *Pursuing Peace Through Religion*. Recuperado em <https://www.csis.org/node/51040>.
- Contreras, E. M. (2013). *The Vatican in world politics: Transnational activism and the campaign for debt relief*. Dissertação de Mestrado. San Diego State University. Recuperado em http://sdsu-dspace.calstate.edu/bitstream/handle/10211.10/4776/Magana%20Contreras_Elizabeth.pdf?sequence=1.
- Durkheim, E. (1996). *As formas e elementos da vida religiosa: o sistema totémico na Austrália*. São Paulo, Brasil: Martins Fontes.
-

- Fox, J. (2013). *An Introduction to Religion and Politics (Theory and Practice)*. Oxon, Inglaterra: Routledge.
- Fox, J. & Sandler, S. (2006). *Religion in World Conflict*. Oxon, Inglaterra: Routledge.
- Francisco (2020). *Carta Encíclica Fratelli Tutti*. Recuperado em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html.
- _____ (2019). *Retiro Espiritual para os Líderes do Sudão do Sul. Discurso do Papa Francisco*. Recuperado em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/april/documents/papa-francesco_20190411_leaders-sudsudan.html.
- _____ (2019a). *Homilia do Santo Padre. Viagem Apostólica do Papa Francisco a Moçambique, Madagáscar e Maurícias*. Recuperado em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2019/documents/papa-francesco_20190906_omelia-mozambico.pdf.
- _____ (2019b). *Discurso do Santo Padre às autoridades moçambicanas*. Recuperado em <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2019-09/papa-francisco-viagem-mocambique-autoridades-discurso-integral.html>.
- _____ (2015). *Carta Encíclica Laudato Si' sobre o cuidado da casa comum*. Recuperado em https://www.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si_po.pdf.
- _____ (2013). *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. Recuperado em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html.
- _____ (2013a). *Mensagem para a celebração do XLVII Dia Mundial da Paz Fraternidade como fundamento e caminho para a paz*. Recuperado em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/peace/documents/papa-francesco_20131208_messaggio-xlvii-giornata-mondiale-pace-2014.html.
- _____ & Tayyeb, A. M. (2019). *Documento sobre a Fraternidade Humana em prol da Paz Mundial e Convivência Comum*. Recuperado em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2019/outside/documents/papa-francesco_20190204_documento-fratellanza-umana.html.
- Gonçalves, J. P. (2014). *A Paz dos Moçambicanos*. Maputo, Moçambique: CIEDIMA.
- Habermas, J. (2008). *Between Naturalism and Religion: Philosophical Essays*. Cambridge, Inglaterra: Polity Press.
- Jackson, R. & Sørensen, G. (2012). *Introduction to International Relations: Theories and Approaches*. Oxford, Inglaterra: Oxford University Press.
- McCowan, T. (2019). Os perigos do conceito de impacto no ensino superior. *Revista Eletrônica de Educação*, 13(3), 777-795. Recuperado em <http://dx.doi.org/10.14244/198271993592>.
- Rainkie, A. (2017). *Confronting a Triple Threat: Religion as a Response to Current Social, Political, and Environmental Crises*. Dissertação de Mestrado. Simon Fraser University, Faculty of Arts and Social Sciences, Burnaby, Canada.
- Rozario, M. (2014). *The Emergence and Cascading of Pope Francis' Norm of Social Justice*. Recuperado em <https://www.e-ir.info/2014/12/18/the-emergence-and-cascading-of-pope-francis-norm-of-social-justice/>.

Weber, M. (1949). Religious rejections of the world and their directions. Em H. Gerth & C.W. Mills (Eds). *Essays in Sociology*. New York: Oxford University Press.

